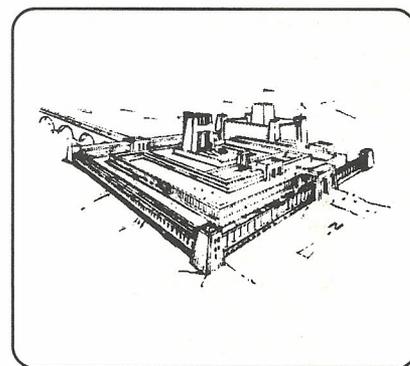


10.

HISTÓRIA DE ISRAEL E DOMINAÇÃO ESTRANGEIRA ATÉ O REINADO DE ADRIANO



1. A TERRA PROMETIDA

A história do povo judeu nos seus primeiros séculos de vida nacional está de tal forma vinculada a da maioria dos povos orientais que, fazer o seu relato, é o mesmo que narrar, também, em grande parte, a história daqueles povos, principalmente dos que habitavam a antiga **Ásia Menor**.

Cordilheiras e desertos separam a **Palestina** dos vizinhos países da Síria, Egito, Arábia; porém, as estradas que lhe cortam o território de norte a sul foram trilhadas, na Antigüidade, por exércitos de muitas nações e camelos de caravanas inúmeras, vindas de todas as partes do mundo, porque a Palestina era passagem obrigatória entre o Oriente e o Ocidente.

Naqueles tempos, o centro da civilização planetária estava no Mediterrâneo, onde se localizavam as grandes cidades de Atenas, Roma, Tiro, Jerusalém, Cartago, Alexandria, e os portos palestinos recebiam navios, mercadorias e viajantes de todas as nações.

Em épocas remotas, seu território foi habitado por homens de elevada estatura, tidos como gigantes, aproximados das raças primitivas do planeta; mais tarde, esses povos foram substituídos por invasores de origem semita, vindos da Atlântida, e que se espalharam por toda a bacia do Mediterrâneo assenhoreando-se da terra. Os hebreus, mais tarde, quando ali chegaram, ao fim do Êxodo, conduzidos por Moisés e por Josué, tiveram de combatê-los e dominá-los para que tomassem posse da Terra Prometida.

2. DA ORIGEM ATÉ A CONQUISTA ROMANA

A semente dos hebreus, como se sabe, é representada pelo semita

Abraão que, mais ou menos há 3 mil a.C, partindo de Ur, na Caldéia, com grande comitiva, emigrou para Canaã, onde formou o núcleo do futuro povo de Israel.

No tempo de **José**, quando se estabeleceram no Egito, já eram os hebreus tão numerosos que cruzavam toda a Ásia Menor em caravanas comerciais e mantinham núcleos populosos em vários lugares, principalmente na Babilônia.

Depois do **Êxodo** (1.400 a.C.), **Josué** colonizou **Canaã** e, após sua morte, sobreveio um longo período de inquietação e de guerras, no **Governo dos Juizes**, que durou dois séculos (de Josué a Samuel).

No século 11 a.C. iniciou-se a **época dos Reis**, tendo o profeta **Samuel** — o último dos Juizes — sagrado a **Saul** o primeiro dos reis.

Plantaram ambos os alicerces do engrandecimento de Israel. Seus sucessores, **Davi e Salomão**, consolidaram as conquistas: no terreno religioso, com a construção do Templo Judaico (uma das maravilhas arquitetônicas da época) e, no político, com a dominação de todos os inimigos de Israel e sua expansão territorial. Foi também nesse período que se levantaram muitas cidades e se construiu a segunda muralha de Jerusalém.

Pelo ano 937 a.C., com a morte de Salomão, a pátria judaica dividiu-se, como já foi ensinado, em dois reinos: o **de Israel**, ao norte, e o **de Judá**, ao sul. Esses reinos duraram dois e quatro séculos respectivamente, tendo sido o primeiro destruído pelos assírios e o segundo pelos babilônios, que arrasaram Jerusalém e levaram os judeus cativos. Na **Babilônia**, os hebreus permaneceram escravizados de 50 a 70 anos, até a data em que o rei persa, **Ciro**, tendo-se apoderado do

país, deu liberdade aos judeus e permitiu que voltassem para sua terra e reconstruíssem seu grande templo.

Durante essa dominação, a Palestina permaneceu como **província persa** até a data em que Alexandre, o Grande, rei da Macedônia e Grécia, conquistou a Ásia Menor e apoderou-se também de seu território. Abriu-se, então, para os judeus, com o **helenismo** (cultura grega) uma época brilhante, de civilização mais apurada e liberal, que culminou com a fundação da cidade egípcia de **Alexandria**, situada às margens do Mediterrâneo, à esquerda do delta do Nilo, e que, naqueles tempos e nos séculos seguintes, se tornou o foco principal e o mais forte baluarte da vida judaica.

Mais tarde, na Palestina, o clã poderoso dos **Macabeus** se revoltou contra a dominação exercida pelo governo da Síria, venceu a este país e reinou durante um século, até quando foi novamente a Palestina conquistada, agora pelos romanos sob o comando de **Pompeu**, em 63 a.C.

Foi nessa época que surgiram os **partidos político-religiosos dos fariseus e saduceus**, bem como acentuou-se na vida social do país as atividades da **Fraternidade dos Essênios**. Os primeiros, fariseus, eram gente do povo e por isso numerosos; criam na imortalidade da alma e se revelavam fortemente ortodoxos em relação à Tora (conjunto de livros que formavam a Lei de Moisés), enquanto que os segundos (saduceus) eram aristocráticos, filósofos e cépticos.

Quanto aos Essênios eram uma fraternidade de homens virtuosos, devotados ao bem do povo, às obras de caridade e aos estudos espirituais. A Fraternidade, fora fundada há muitos séculos atrás, porém, como sempre divergiu do espírito e dos

processos religiosos adotados pelo sacerdotalismo hebreu, que detinha o poder em Jerusalém, seus membros viviam insulados nas montanhas do País, e somente alguns deles, — os terapeutas — misturavam-se com o povo, percorrendo as aldeias e as moradias ensinando, curando, esclarecendo. Os essênios obedeciam a rígidos princípios de moral e de pureza espiritual e nos seus recolhimentos agrestes realizavam anualmente assembleia iniciática, que reuniam todos aqueles que pertenciam à congregação.

Habitavam os santuários de Moab, Quarantana, Monte Hermon, Monte Nebo, Monte Carmelo, Monte Tabor e outros menores, espalhados pela Palestina e deram forte apoio material e espiritual ao Messias Jesus quando este ali esteve em desempenho de sua tarefa planetária.

3. A PRIMEIRA REVOLTA DOS JUDEUS

Quando o Divino Mestre veio, no ano 7, fazia já 63 anos que a Palestina era uma província romana, dividida em vários governos; na Judéia imperava Herodes, o Grande, o rei sanguinário que morreu roído pelos vermes.

Desde a conquista de Pompeu o ódio dos judeus pelos romanos e o desprezo destes por aqueles crescia de vulto a todo instante, estourando em tumultos cada vez mais graves até que, no ano 68, os judeus se revoltaram abertamente e Nero, o César de Roma, mandou contra eles o general Vespasiano que avançou país adentro sem encontrar resistência e pôs cerco a Jerusalém. Tendo sido Vespasiano com a morte de Nero, meses depois, proclamado imperador pelas suas próprias legiões, assumiu a direção da guerra seu filho Tito que, no ano 70 apoderou-se da cidade, arrasou o Templo e dispersou o que restava da população judia.

Este acontecimento teve grande influência na vida dos judeus porque estes, tendo perdido a autoridade política e a liberdade, voltaram-se com mais fervor para a existência religiosa; destruído o culto externo aferraram-se à Lei; desautorizados os sacerdotes avultaram como autoridade os rabinos.

A capital mudou-se para Jamnia, na costa de labné, que se tornou centro da influência nacional. Em labné instalou-se como governo um

tribunal (Beth-Din), cujo presidente (Ab-Beth-Din) ficou sendo o chefe civil e religioso dos judeus. Todo judeu diplomado nas escolas rabínicas tinha voto nesse tribunal, que substituiu o antigo Sinédrio. A Tora, mais que nunca, permaneceu como lei e se lhe acrescentaram dois livros: A MISCHNÁ, que era um repositório das decisões e sentenças desse tribunal de governo e de usos e costumes dos judeus e o Talmude, de caráter mais doutrinário-filosófico que era sobretudo um livro de comentários de Mischná.

Nessa época, com a queda do judaísmo, ganhou forças o cristianismo nascente, que procurou entender-se e consolidar-se por toda parte.

4. NOVAS REVOLTAS

Desde então mais forte se tornou a dominação romana e mais tarde o imperador Trajano, tendo invadido a Ásia Menor avançando até o Mar Cáspio, foi subjugando e obtendo votos de obediência de todos os povos dessa vasta região. Os judeus, porém, e os parthos se rebelaram nas retaguardas dos exércitos romanos e passaram a trucidar centenas de milhares de gregos, romanos, egípcios e outros povos, súditos romanos, assolando toda a terra com uma violência incrível. Trajano, encolerizado, mandou contra eles seus exércitos e os judeus foram então por sua vez exterminados impiedosamente, por toda parte.

Isto se deu no ano 117.

Adriano, sucessor de Trajano, foi um imperador ambulante: viajava sempre e por onde passava ia levantando cidades, construindo estradas, erigindo monumentos. Por toda parte nessa época imperava a paz e a prosperidade.

Entretanto, na Palestina, que de província se tornara uma simples colônia romana, os judeus reuniam-se de novo, preparando nova revolta contra EDON, o estrangeiro opressor.

Adriano, passando por Jerusalém, visitou as ruínas do Templo onde agora as feras do deserto faziam suas tocas. Generoso e displicente deu ordens para que a cidade fosse reconstruída e em seguida partiu para o Egito e dali para a Grécia.

Mas a revolta, há muito tempo sopitada, explodiu furiosa por verem

os judeus que a cidade sagrada estava sendo profanada por estrangeiros, que a reconstruíram à sua vontade, como cidade pagã. De fato, por toda a parte surgiam estátuas, banhos públicos, anfiteatros, centros ruidosos de vida profana. No próprio templo se levantavam estátuas em honra a deuses romanos.

Foram, pois, se retirando e concentrando nas montanhas de Bethel e ali construindo fortificações enterradas nas colinas, enquanto que dos países vizinhos diariamente afluíam centenas de voluntários inflamados de zelo e ódio.

Os cristãos, que já então eram muito numerosos na Judéia, não aderiram à revolta e por isso foram se afastando do perigoso fanatismo revolucionário. Quanto aos judeus, ortodoxos, não tendo reconhecido a Jesus, que há poucos anos haviam crucificado, mas precisando de um motivo religioso que galvanizasse o povo, unindo-o fortemente em torno de um ideal sobre-humano, necessitando dar-lhe ânimo para a luta de vida e de morte que se renunciava, aceitaram pressurosos a pregação de um fanático surgido naqueles dias, conhecido pelo povo como **Bar Cosiba** e que se intitulava o Messias das promessas seculares de Israel.

Sob a autoridade do **rabi Aquiba**, o mais prestigioso sacerdote judeu daquela época, foi Bar Cosiba reconhecido como o Messias esperado. Aquiba investiu-o publicamente desse título místico, sagrou-o cingindo-lhe o manto vermelho, entregando-lhe o bastão de mando e pegando-lhe por fim nos estribos, para que a profecia messiânica fosse também cumprida no ponto em que dizia: “quando Ele montou no seu cavalo de batalha... para inaugurar o seu reinado de Messias...”

Bar Cosiba, assim sagrado perante o povo, assumiu imediatamente a chefia da revolução e decidiu a guerra, determinando a concentração do exército judeu clandestino em Bethel e o ataque às tropas romanas.

E todo o povo se rejubilou porque ele, como Messias “verdadeiro” fez aquilo que o “falso” Messias de Nazaré se recusara a fazer: levantar sua espada e decretar a libertação de Israel das mãos do Edon. E assim como sucedeu em 68 a.C., em 117, também nesse ano de 132 o movimento alastrou-se por toda a Ásia Menor.

5. EXPULSÃO DOS JUDEUS

Assim que **Adriano**, vindo do Egito, chegava à Grécia, soube do levante dos judeus e da proclamação da independência da Palestina, determinou que as legiões localizadas nos países vizinhos atacassem os judeus e os destruíssem.

A guerra foi longa e terrível. Durou mais de dois anos e as tropas romanas, após reveses muitas vezes cruentos, foram encurralando os judeus nos seus subterrâneos das montanhas e aí foram sendo eles reduzidos pelos combates e pela fome. Penetrando lentamente nos subterrâneos escuros, os romanos massacraram perto de 200 mil judeus, inclusive mulheres e crianças. A Judéia se transformou num deserto e as feras entravam livremente pelas casas abandonadas. Os judeus sobreviventes foram vendidos pelo preço de gado, nos mercados de Terebinto (que, por isso, ficaram para sempre malditos) e aqueles que permaneceram no fundo dos subterrâneos acabaram por se entredivorarem, roídos pela fome e pelo desespero.

Roma decretou a perseguição oficial dos judeus, e em todo o Império, eles foram caçados como feras, presos e torturados. Aquiba — o chefe espiritual da revolta — torturado a fogo e empalado, até o último suspiro repetia a frase: "Deus é um só, um só, um só"... E os mártires que lhes seguiam a esteira de agonia repetiam até o último instante: "é um só, um só"...

Por fim, um decreto de César expulsou os judeus de Jerusalém e de toda a Palestina para sempre.

Nessa época, terminou a reconstrução de Jerusalém, que se passou a chamar **Aelia Adriana**, cidade pagã e pervertida; no Templo judaico ergueu-se a estátua de Júpiter e junto ao Gólgota erigiram-se templos a Vênus Afrodite...

Por isso, no **Talmude**, esta revolta ficou sendo chamada "a guerra do extermínio", porque Israel desapareceu dos mapas, dispersou-se, tornou-se errante pelo mundo.

6. A DISPERSÃO PELO MUNDO

Depois desse extermínio, os judeus que se salvaram concentraram-se novamente na **Babilônia**, governados por exilarcas até o ano 1038, quando foram se espalhando pelo mundo como povo sem pátria, porém ligados sempre entre si por fortes laços religiosos. Nas épocas de crise nunca se acovardaram e sempre tiveram líderes que os conduzissem e orientassem. Entre esses líderes convém citar Hasda Saprut e Abravanel, que os defenderam e prestigiaram junto aos muçulmanos de Espanha; Rashi, na França; Maimonides, que escreveu o *Guia para os Judeus*, em 1204.

Durante a **Idade Média** foram perseguidos e obrigados a viver em bairros separados nas cidades, como também a usar, sobre as vestes, uma estrela amarela de identificação, reabilitada nos nossos dias pela Alemanha, por Hitler. A Inquisição perseguiu-os impiedosamente. Em 1290 foram expulsos da Inglaterra; em 1306, da França; e em 1492, da Espanha, o seu mais forte e seguro reduto na Europa. **A sua expulsão da**

Espanha foi o mais duro golpe sofrido por eles desde a destruição do Templo, no ano 70. Expulsos de toda a parte e encurralados em guetos, podia-se dizer então que a estrela de Israel desaparecera para sempre.

Além disso, o Papa Inocêncio III proibiu que exercessem qualquer profissão honesta, podendo unicamente dedicar-se a comerciar com dinheiro. Mas, com a Reforma Protestante, eles se firmaram de novo e surgiu a época do Humanismo, que sucedeu a Renascença e durante a qual foram de novo redimidos os estudos sobre o judaísmo e o helenismo antigos. Com esse movimento, readquiriram liberdade civil e religiosa, tendo-se destacado os judeus Spinoza, Mendelson e outros, sendo que este último é considerado o terceiro Moisés, por ter sido aquele que ensinou os judeus a se adaptaram a vida moderna. A partir daí, voltaram eles a se estabelecer na Europa e por fim na América, em 1655.

Não se cruzando com outras raças, mantendo a fé religiosa e usando o poder do dinheiro e da grande experiência comercial que adquiriram no curso dos séculos, venceram eles todas as vicissitudes, impondo-se ao respeito dos povos e, nem mesmo as últimas perseguições e morticínios que sofreram nas últimas guerras, impediram que se conservassem unidos e estejam agora voltando à sua pátria, cuja posse, mais uma vez, disputam a povos estrangeiros, como o fizeram há 4 mil anos quando ali chegaram conduzidos por Moisés e Josué.